



O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRES - B.P. 95 - 75 522 PARIS CEDEX 11 - C.C.P. 562 685 - MENSUEL - 1 DM - 1 FI - 10 FB - 1 F

Editorial

GRANDE VITÓRIA DO POVO VIETNAMITA

No sábado 27 de Janeiro, os ministros dos negócios estrangeiros da República Democrática do Vietname (RDV), do Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul (GRP), do governo fantoche de Saigão (Vietname do Sul) e do governo imperialista dos Estados Unidos, assinaram em Paris o acordo de cessar-fogo no Vietname. O heróico povo do Vietname, que há 30 anos luta de armas na mão para derrubar os ocupantes estrangeiros, primeiro os colonialistas franceses e, depois, os imperialistas americanos e seus lacaios, faz capitular uns e outros, obrigando agora os ianques a assinar um acordo que salvaguarda ao longo dos seus 23 artigos, os princípios fundamentais impostos pelo Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul e pela República Democrática do Vietname.

Para combater a agressão americana e conquistar a independência, os 40 milhões de vietnamitas não olharam aos sacrifícios imensos que foram necessários fazer dando um grandioso exemplo de um férreo espírito revolucionário. Os Estados Unidos mobilizaram mais de 500.000 efectivos das suas forças militares terrestres, a sétima esquadra com vários porta-aviões e milhares de aviões, lançaram cerca de 8 milhões de toneladas de bombas e as suas despesas militares directas elevaram-se a cerca de 200 bilhões de dólares.

Apesar de tudo isto eles não poderiam fazer vergar o povo do Vietname, que pela sua vitória encorajaram poderosamente a luta da libertação de todas as nações oprimidas e trouxeram uma contribuição de peso à causa anti-imperialista dos povos do mundo inteiro. A guerra justa do povo do Vietname será inscrita

(Continua na pág. 2.)

O SALTO

56, rue de la Fontaine-au-Roi
75011 PARIS
Metro Goncourt

Horas de abertura

2ª feira das 16h às 22h 30
Sábado das 16h às 20h

Secção Social
Vendas
Redacção
Secretaria

BÁRBARO CRIME DA PIDE O ASSASSINATO DE AMÍLCAR CABRAL

No sábado, dia 20 de Janeiro, às 22h e 30m, um comando especial da Pide, assassinou em Conakry (República da Guiné) o valoroso e heróico Secretário-Geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, (PAIGC), Amílcar Cabral.

Segundo as informações que até à altura em que escrevemos este artigo nos foi possível obter e provenientes do Comité Revolucionário encarregado do inquérito sobre as circunstâncias deste hediondo crime, um grupo de agentes colonialistas e fascistas infiltrou-se no seio do PAIGC, chegando mesmo o indivíduo que assassinou Amílcar Cabral, Inocêncio Kani, a ocupar o posto de comandante de uma das vedetas do PAIGC.

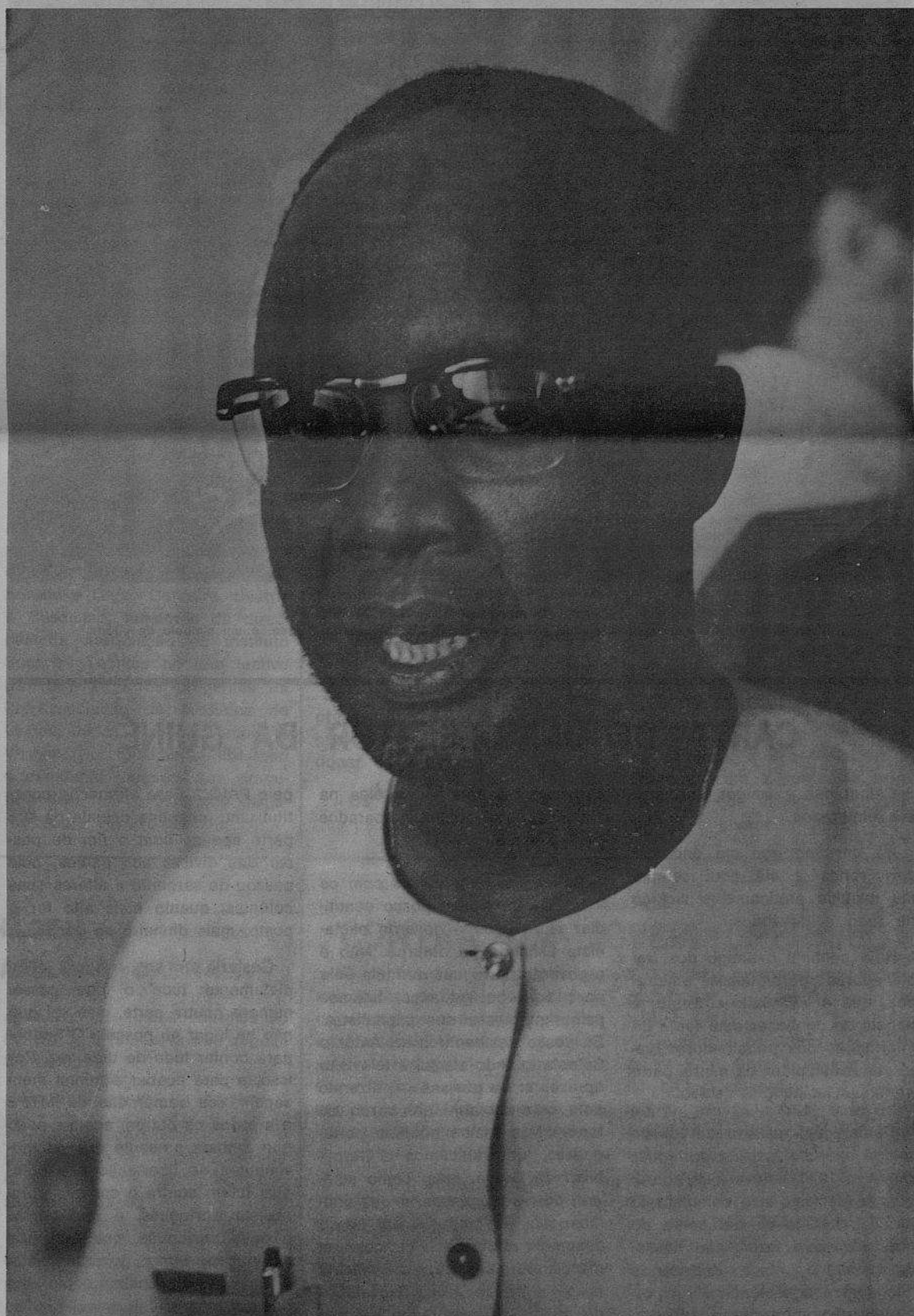
Depois de terem assassinado Amílcar Cabral à porta de sua casa, os carrascos da Pide raptaram outros dirigentes do PAIGC e transportaram-nos a bordo de um barco em direcção a Bissau, cidade guineense ocupada pelos colonialistas portugueses. A bordo, estes dirigentes foram selvaticamente torturados, particularmente Aristides Pereira, principal adjunto de Amílcar Cabral. A marinha de guerra da República da Guiné conseguiu, no entanto, interceptar o barco onde seguiam os assassinos de Amílcar Cabral e os patriotas raptados, obrigando-o a voltar a Conakry.

Um certo Coda Nabonia — dos principais implicados neste baixo golpe do colonialismo — declarou ao Comité Revolucionário encarregado do inquérito que os assassinos estavam em relação directa com a Pide.

O terrorismo fascista colonialista e imperialista

O governo fascista e colonialista português, regime terrorista da grande burguesia, tem as suas garras sujas do sangue vermelho de centenas de trabalhadores, patriotas e revolucionários caídos na frente do combate. Os seus assassinatos multiplicam-se: Alfredo Dinis e Militão Ribeiro, dirigentes revolucionários; a heróica camponesa Catarina Eufémia; Humberto Delgado, dirigente democrático; Jaime Sigauke, responsável da FRELIMO; Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO; o estudante Ribeiro dos Santos; e agora Amílcar Cabral.

O imperialismo sob todas as suas formas, o colonialismo e o neocolonialismo sempre usaram o assassinato como arma para combater os verdadeiros patrio-



tas que lutam para libertarem os seus povos das cadeias que os prendem. Em África, para além de Cabral, Mondlane e Sigauke, estão bem presentes na nossa memória os nomes de valorosos dirigentes como Lumumba, Ouan-dié, Mulélé e tantos outros, que pereceram, cobardemente assassinados.

Os imperialistas e os colonialistas portugueses já tinham tentado, em Novembro de 1970,

atacar o quartel-general do PAIGC em Conakry, invadindo a República da Guiné. Mas mais uma vez tiveram que bater em retirada. A forte decisão do exército daquele país, e a valorosa resistência que os combatentes do PAIGC lhes opuseram goraram os seus baixos intentos.

O terrorismo que é inerente a estas aves de rapina não pode calar a boa nova da independência nem apagar as chamas da

revolução que por todo o mundo se levantam principalmente em Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde.

Nem as torturas bárbaras, nem os campos de concentração ou de morte lenta, nem os bombardeamentos dos campos e aldeias farão parar a irresistível marcha dos povos sob dominação colonial portuguesa.

O terrorismo fascista, colonia-

(Continua na pág. 7.)

GRANDE VITÓRIA DO POVO VIETNAMITA

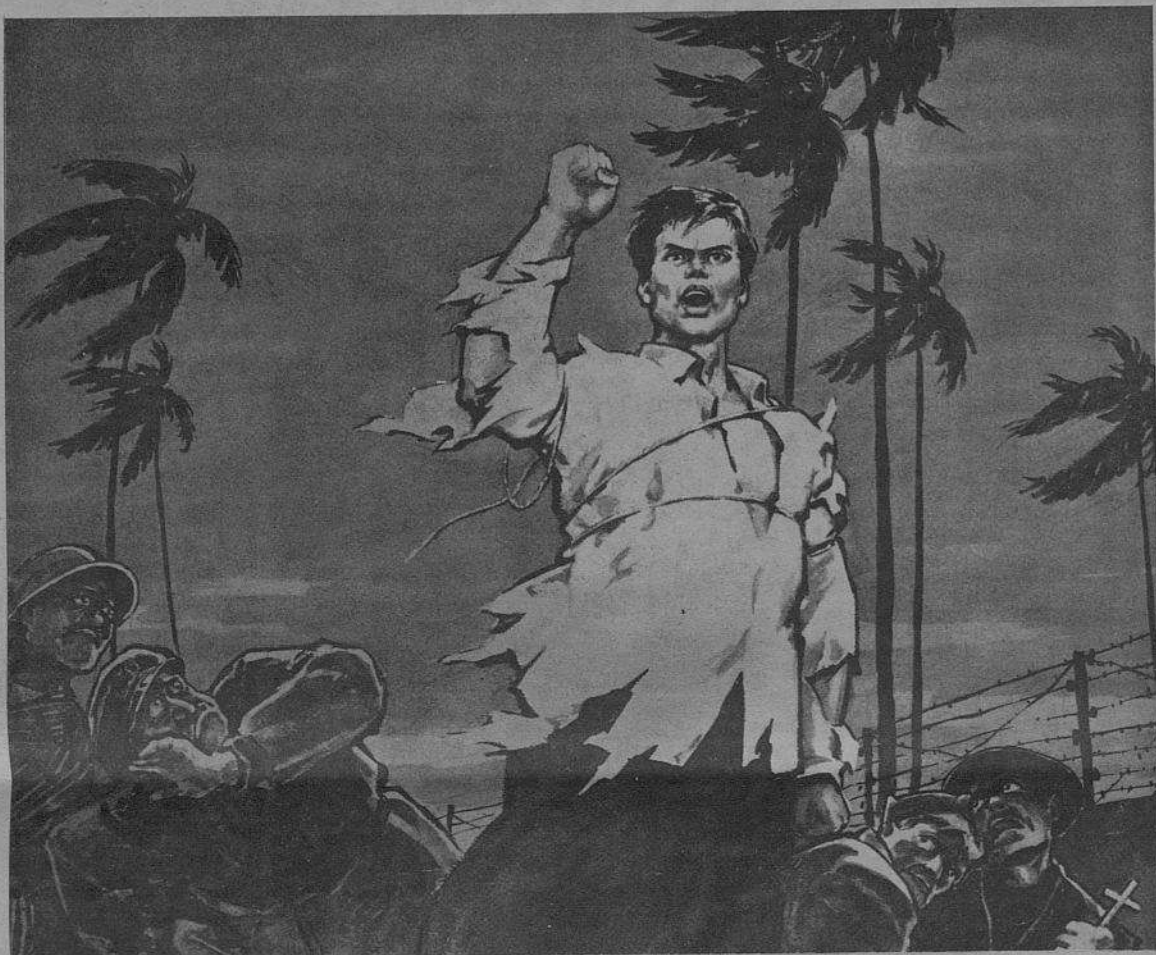
nos anais de história como uma sublime guerra de libertação da nossa época.

A assinatura do acordo sobre o cessar-fogo no Vietname, mostra uma vez mais que uma causa justa é invencível. As nações oprimidas, os países vítimas de agressão que ousam pegar em armas, unindo-se como um só homem e persistem no combate, vencerão

a agressão estrangeira e serão senhores do seu próprio destino. E isto já foi provado suficientemente pelas guerras populares conduzidas contra a intervenção e a agressão armadas do imperialismo depois de segunda guerra mundial. Hoje, na Indochina como em Angola, em Moçambique, na Guiné ou como em qualquer parte do mundo a corrente história constituída pelo facto de que os países querem a indepen-

dência, as nações querem a libertação e os povos querem a revolução não poderá ser esmagada por nenhuma força.

Esta vitória do povo do Vietname é também para nós, trabalhadores portugueses, uma grande ajuda na luta que movemos contra o capitalismo, o fascismo, o colonialismo e o imperialismo e pela instauração de uma democracia popular.



Nguyen Van Toi, electricista, assassinado aos 23 anos pelos fanticos de Saigão, é um símbolo da vitória do povo do Vietname

APÓS O CESSAR FOGO NO VIETNAME, SIHANOUK DECLARA: OS TRAIADORES DE LON NOL DEVEM PARTIR DEFINITIVAMENTE

Após a assinatura do acordo de cessar-fogo no Vietname, que os imperialistas americanos queriam estender ao Camboja e ao Laos, impondo assim a sua vontade aos povos daqueles dois países, as forças patrióticas de libertação do Camboja acabam de tornar pública a sua firme decisão de obrigar o governo fantoche de Lon Nol, instalado em Phnom Penh, a partir definitivamente. Norodom Sihanouk, chefe do Governo Real da União Nacional do Camboja (GRUNC) e presidente da Frente Unida Nacional do Camboja (FUNC), fez as seguintes declarações à imprensa, a 31 de Janeiro, em Hanói (capital do Vietname):

« Nós não somos belicistas, não queremos o banho de sangue, nem deitar óleo no fogo que está a apagar-se na Indochina.

« Se os Estados Unidos se aprontam a jogar o jogo da amizade com um Camboja independente e não alinhado, podemos reconciliar-nos rapidamente com o governo de Washington ».

Sihanouk declarou em seguida que a solução do problema no Camboja não se poderá efectuar sem que os traidores do governo fantoche de Lon Nol partam definitivamente: « Nós não os queremos enforçar. Eles têm na Sulça contas bancárias suficientemente bem aprovisionadas. Eles devem partir. »

A 26 de Janeiro, foi publicada uma declaração assinada pelo príncipe Sihanouk, pelo primeiro ministro do GRUNC e pelo seu ministro da defesa e vice-ministro, dirigente no interior das Forças Armadas Patrióticas de Libertação Nacional (FAPLNC), onde se afirma que « a nação e o povo do Camboja quiseram sempre viver em paz » mas que a guerra se

abate sobre o país em consequência do golpe de estado perpetrado pela CIA (serviços secretos dos imperialistas americanos), em Março de 1970. Esta declaração faz um apelo « aos povos vietnamita, laociano, chinês, coreano e a todos os outros povos do mundo, incluindo o povo americano e todos os países amigos e desejosos de paz, de justiça e de liberdade, a oporem-se aos planos agressivos dos imperialistas americanos, que têm em vista destruir a zona libertada e massacrar o povo cambojano e, impedir os seus bárbaros crimes de genocídio. »

Na verdade, o imperialismo americano e a camarilha de Lon Nol estão irremediavelmente perdidos, apesar do apoio de todas as forças reacçãoárias do mundo, inclusivé países que se arvoram em defensores dos povos.

Já numa entrevista concedida a uma revista francesa no fim do passado ano, Sihanouk se referia a determinadas manobras, encorajadas pela URSS, com vista a um contacto entre os khmers vermelhos (comunistas cambojanos) e os traidores chefiados por Lon Nol: « A União Soviética manobra freneticamente para conduzir os comunistas a abandonar Sihanouk e juntarem-se a Lon Nol. Mas os khmers vermelhos membros do FUNC são demasiado patriotas para fazerem o jogo das duas superpotências, os Estados Unidos e a URSS, que se entendem para dominar e dividir o mundo. Os khmers vermelhos e os partidários de Sihanouk, unidos no FUNC, continuarão resolutamente a luta armada até que a camarilha traidora de Lon Nol e o neo-colonialismo americano, instalados em Phnom Penh, sejam totalmente e irreversivelmente eliminados. »

CARTA DE UM DESERTOR DA GUINÉ

Camaradas e amigos portugueses emigrados,

Há um ano que me encontro em França e até aqui sempre me mantive praticamente isolado de tudo e de todos.

Hoje conheci o amigo dos trabalhadores portugueses emigrados, que é « O Salto ». Então, e depois de conhecer esta fonte de informação dos trabalhadores, vejo que é estupidéz da minha parte continuar isolado... e calado.

Camaradas, eu sou um desertor do exército fascista português que, em 1970, esteve a colaborar com a fascismo e o colonialismo na Guiné. Quando dei conta do que andava a fazer, não hesitei um momento: resolvi desertar, e fi-lo com a consciência dum português que sabe o que faz e o que quer. Não, camaradas, não tive medo das armas do povo guineense, pois não me poderiam fazer pior do que o exército colonial lhes faz a eles. Por isso, e sem hesitar, como vos disse acima, entreguei-me às forças do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Aí, e com a maior surpresa, fui recebido dum carinho e fraternidade. Estive 3 meses no meio dessa família que é o PAIGC; tive contactos com tudo e com todos, e fiquei realmente

surpreendido com todos eles na maneira como estão preparados politicamente.

Como convivi 3 meses com os « turras » da Guiné, posso denunciar aquilo que o governo caetanista esconde ou deturpa. Não é o governo português que luta pela paz; nós, os soldados, lutamos pelos interesses dos capitalistas. Eu posso desmentir o sr. António Spínola quando ele foi à televisão apresentar « queixas », dizendo com cara de anjo em corpo de lobo « Não fomos nós, os portugueses, que atacámos a República da Guiné, mas, como sempre, nós, portugueses, é que ficámos com as culpas ». Eu posso desmentir tudo isso. Vi, com os meus próprios olhos, a carnificina nessa noite de 22 de Novembro de 1970, às duas horas da manhã. Ainda me lembro de algumas mensagens em português para os invasores que se encontravam no território da República da Guiné ditas das fragatas onde se encontrava o comandante da esquadra e o resto dos seus servos.

Posso dizer como eram tratados os prisioneiros de guerra portugueses, desmentindo o sargento aviador que foi « libertado » nessa mesma noite de Novembro de 70, e que na televisão portuguesa disse ter sido maltratado

pelo PAIGC. Essa afirmação constitui uma autêntica calúnia da sua parte apenas com o fim de passar das divisas aos galões, pois passou de sargento a alferes (nas colónias, quanto mais alto for o posto, mais dinheiro se ganha...).

Gostaria de vos explicar completamente tudo o que passei numa e noutra parte, mas sei que não há lugar no nosso « O Salto » para contar tudo de uma vez. Por isso, e para acabar a minha mensagem aos camaradas do MTPE e a todos os outros, apenas peço que tenham presente que os movimentos de libertação das colónias lutam contra o domínio colonialista português, e não contra o povo português, que eles não confundem com o governo caetanista ou salazarista, como lhe queiram chamar.

Um desertor da Guiné.

ENTREVISTA COM O MPLA

O facto da secção Guerra Colonial ter sido inteiramente dedicada à figura de Amílcar Cabral e à luta do povo da Guiné não nos permitiu inserir neste número a anunciada entrevista com o representante do MPLA na Suécia, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

MENSAGEM

DE «O SALTO» AO PAIGC

Caros camaradas,

O assassinato do vosso grande dirigente e grande patriota Amílcar Cabral, a 20 de Janeiro de 1973, pelo imperialismo internacional e o colonial-fascismo português, vem encher de dor e ódio o coração de todos os anti-colonialistas portugueses.

A morte de Amílcar Cabral é uma perda, antes de tudo, para o seu partido, o PAIGC que, ao longo de 17 anos de luta, soube tornar-se a única força dirigente dos povos da Guiné e Cabo-Verde na sua luta pela libertação nacional.

Ela é também uma perda para os heróicos povos da Guiné e Cabo-Verde aos quais ele indicou a guerra popular prolongada como a única via capaz de os libertar da opressão do imperialismo e do colonialismo.

É, enfim, um grande combatente da frente mundial anti-imperialista que caiu, na altura em que as vitórias dos povos do mundo, em particular do seu próprio povo, lançam a reacção internacional numa situação de pânico e desorientação, obrigada

a reconhecer a verdade que já ninguém pode esconder: o PAIGC é o único representante legítimo dos povos da Guiné e Cabo-Verde na sua luta pela libertação nacional.

Para nós, Amílcar Cabral não era só o grande patriota que enfraquecia o nosso inimigo. Amílcar Cabral, mostrando que um pequeno povo pode fazer face às grandes potências se perseverar na luta armada, veio contribuir para quebrar com o pacifismo e o social-chauvinismo que dominou a luta anticolonial em Portugal durante os primeiros 10 anos de guerra colonial.

Nós vos prometemos, camaradas, continuar os nossos esforços para combater o chauvinismo colonialista e assim mobilizar o povo português emigrado para o apoio à luta dos povos da Guiné e Cabo-Verde, Angola e Moçambique. Nós estamos seguros que ao fazê-lo apoiamos o desenvolvimento da revolução popular em Portugal, que contribuirá para vingar Amílcar Cabral!

Nós estamos seguros que os patriotas do vosso país saberão

(Continua na pág. 3.)

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

ENCERRAMENTOS DE FÁBRICAS LANÇAM CENTENAS DE OPERÁRIOS NO DESEMPREGO

Paris, 17 de Janeiro de 1973 (NOVAPORT). No decorrer da primeira quinzena de Janeiro, duas fábricas portuguesas fecharam as suas portas, tendo uma terceira anunciado o seu próximo encerramento em fins de Fevereiro, e outras efectuam despedimentos massivos de pessoal.

A fábrica de concentrado de tomate de Montargil, cuja produção era de 3.500 toneladas anuais e que empregava cerca de 400 operários, encerrou. Segundo a imprensa diária portuguesa, parte do pessoal da fábrica foi convidado a transferir-se para outra unidade da mesma empresa situada em Campo Maior. Não são, porém, raros os casos de operários que este encerramento lança no desemprego pois que a segunda unidade, além de se situar a várias dezenas de quilómetros de Montargil, não poderá empregar todos os trabalhadores. A unidade de fabrico de concentrado de tomate era a única fábrica existente em Montargil.

Outra empresa que encerrou as suas portas foi a Fábrica de Papel da Abelheira, em S. Julião do Tojal (Loures), pertencente ao grupo Champalimaud, e cuja produção era ultimamente fornecida a outra firma do mesmo grupo, a Fábrica de Papel do Prado. Segundo o vespertino «República», a direcção da fábrica, cujo encerramento vai lançar no desemprego mais de 400 operários, vinha efectuando ao longo da sua actividade numerosas operações flagrantemente ilegais à luz da própria lei capitalista. Assim, entre outras, os operários que regressavam das colónias, após terem cumprido o serviço militar no exército colonial-fascista, não eram readmitidos nos quadros da firma. Dos 400 operários que se vêem agora privados do seu único meio de subsistência, uma grande parte encontrava-se a um ou dois anos da reforma. Contudo, a direcção da fábrica apenas lhes concederá as miseráveis indemnizações previstas pela lei protectora do capital.

Além destas duas fábricas que já procederam ao encerramento, uma terceira, a Cerâmica do Centro, de Leiria, anunciou o fim da sua actividade para fins de Fevereiro.

Ainda outra fábrica, a União Tomé Feteira, de Vieira de Leiria, a maior empresa portuguesa produtora de limas e grosas, acaba de despedir arbitrariamente cerca de 200 operários.

Estes encerramentos de unidades fabris e os despedimentos de pessoal estão relacionados com os acordos estabelecidos pelo governo fascista, defensor do capital financeiro, com o Mercado Comum, que vieram reforçar o domínio das grandes empresas e do capital monopolista internacional.

A PIDE REPRIME UMA REUNIÃO ANTICOLONIAL NUMA CAPELA DE LISBOA

Por ocasião da passagem do ano efectuou-se na capela da JEC (Juventude Estudante Católica) no largo do Rato, em Lisboa, uma acção condenando e denunciando a guerra colonial. Esta acção, que foi dirigida por cristãos anticolonialistas, iniciou-se no dia 30 de Dezembro com uma greve da fome que devia durar 48 horas e, na qual participaram 20 pessoas, e uma reunião onde foi aprovada uma moção denunciando o apoio dos bispos portugueses à política colonial portuguesa.

Na manhã do dia 31 foram distribuídos centenas de comunicados, alguns dos quais através de bombas de relógio de fraca potência, convidando a população a juntar-se aos manifestantes da capela do Rato.

A este propósito, o correspon-

dente em Lisboa da Agência Noticiosa Popular de Portugal (NOVAPORT) escrevia: «o facto das bombas terem causado ferimentos a duas crianças, foi largamente aproveitado pelo fascismo para, através dos jornais, da rádio e da televisão, levar a cabo uma intensa campanha demagógica, macabra e histérica, tentando justificar a selvática repressão que tem feito cair nos últimos tempos sobre dezenas de antifascistas anticolonialistas e revolucionários».

Na tarde do dia 31, a reunião na capela continuou, tendo sido aprovada uma moção onde se denunciava a política colonial do governo fascista português e se manifestava solidariedade com a luta dos povos das colónias e com todos os portugueses que lutam pela «instauração de uma sociedade justa».

Entretanto a repressão preparava o seu golpe. A agência NOVAPORT relata assim os acontecimentos:

« Pouco depois das 19 horas, as forças policiais fascistas começaram a concentrar-se na zona do Largo do Rato.

« As 20h e 30m aquela concentração viria a assumir força maciça (cerca de 10 carrinhas com policiais de choque e cães-policiais e dezenas de «transeuntes»-pides).

« As brigadas da polícia fascista começaram então a controlar o trânsito no Largo do Rato, isolando a capela.

« As 20h e 45m, um polícia entrou na capela, intimando os presentes a abandonarem o local num prazo de 10 minutos, volvidos os quais os esbirros da polícia usariam da violência para os expulsar.

« Entretanto, já tinham sido presas, fora da capela, algumas pessoas que tencionavam abandonar os locais.

« Os restantes anticolonialistas que permaneceram no interior do

edifício (cerca de 50) decidiram, por unanimidade, não sair, pelo que, findo o prazo, e após mais uma tentativa fascista de intimidação, um grupo de policiais e pides invadiu a sala, obrigando-os a sair.

« As brigadas fascistas efectuaram dezenas de prisões, conduzindo os presos para a esquadra do Rato, onde foram identificados e alguns deles soltos posteriormente. Outros anticolonialistas foram conduzidos para o Governo Civil sendo depois, na sua maioria, transferidos para a prisão de Caxias. Entre outros, cuja identidade se desconhece, foram detidos pela Pide:

Francisco Pereira de Moura, Luís Moita, Manuel Coelho, José Galamba de Oliveira, Nuno Teotónio Pereira, Miguel Teotónio Pereira, Homero Silva Cardoso, Francisco Louçã, João Pimentel, Jorge Wemens e Maria Benedita Galamba de Oliveira.

« Nessa mesma noite, foram feitas mais algumas prisões, perto da Igreja de Arroios, onde se encontrava o cardeal patriarca, António Ribeiro. Este devotado colaborador do fascismo afirmara o seu apoio à intervenção policial na capela da JEC.

« A zona da igreja de Arroios encontrava-se infestada de agentes da Pide.

« Na segunda-feira da manhã, os padres António Janela e Armin-do Garcia foram presos à saída da capela do Largo do Rato, sendo esta encerrada pela polícia pouco depois.»

Depois de alguns destes elementos terem sido libertados, o conselho de ministros fascista decidiu demitir das suas funções doze funcionários públicos que estiveram presentes na reunião de 31 Dezembro.

O fascismo não perdoa mesmo aos cristãos, que se recusam a colaborar com a burguesia colonialista e que manifestam a sua repulsa à guerra colonial.

Foram libertados dirigentes das Associações de Estudantes

Lisboa, 17 de Janeiro de 1973 (do correspondente de NOVAPORT em Lisboa). Após o assassinato, no passado mês de Outubro, de José António Ribeiro Santos, os estudantes antifascistas, impulsionados pelo ódio e repulsa sentidos face a mais aquele hediondo crime da Pide, desencadearam uma intensa luta de protesto sob a palavra de ordem «Vingaremos Ribeiro Santos!»

Na sequência desta luta, a Pide prendeu um grande número de dirigentes e colaboradores das associações de estudantes.

Pretendia o governo fascista de Marcelo, por meio destas prisões e outros processos repressivos, não só travar a luta dos estudantes, acentuada após o assassinato de Ribeiro Santos, como ainda aniquilar o movimento associativo, privando-o dos seus quadros dirigentes mais experimentados e combativos.

Porém, apesar das numerosas

prisões e suspensões, a luta estudantil não esmoreceu. Novos quadros associativos vieram dirigir a luta, desenvolvendo uma intensa campanha pela libertação dos seus colegas presos. Esta campanha, aliada ao facto da Pide não possuir quaisquer pretextos que justificassem uma detenção mais prolongada, conduziu à recente libertação de vários estudantes presos.

Foram libertados, após terem sido submetidos a longos interrogatórios e a torturas, os dirigentes associativos da faculdade de Ciências de Lisboa, Glória, Aurélio e Olga; Cardeira, Beatriz e Casquilho, membros da direcção da Associação do Instituto Superior Técnico no ano lectivo de 1971-72; e os dirigentes da Pró-Associação de Medicina de Lisboa, Judas, Ferreira Mendes e Vizinho. Foi igualmente libertado o estudante Lamago, que procurara desarmar o pido que disparou sobre Ribeiro Santos.

MENSAGEM DE «O SALTO» AO PAIGC

(Continuação da pág. 2)

transformar a sua dor e o seu ódio numa energia irresistível, que nenhum crime por mais bárbaro que ele seja, poderá refrear.

O exemplo de Amílcar Cabral será seguido pelos povos africanos, pelo povo português, pelos povos do mundo!

Abaixo o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo!

Glória a Amílcar Cabral!

Os povos das colónias vencerão!

Paris, 21 de Janeiro de 1973.

O Comité Executivo do Jornal
«O Salto».

CONTACTA O COMITÉ DE APOIO AOS DESERTORES, REFRACTÁRIOS E INSUBMISSOS PORTUGUESES

127, rue St-Maur, 75011 PARIS
Métro Goncourt ou Couronnes
Quartas-feiras: das 18h às 21h
Sábados: das 16h às 20h e
174, rue Championnet

75018 PARIS
Métro Guy Môquet.

Sábados: das 18 h à 20 h 30m

GRANDE COMÍCIO DE HOMENAGEM

A AMÍLCAR CABRAL

No dia 25 de Janeiro, quinta-feira, realizou-se na Casa da Tunísia, em Paris, um comício de homenagem a Amílcar Cabral, organizado pela Associação de Apoio aos Povos sob Domínio Colonial Português, da qual o nosso jornal foi uma das entidades que presidiu à sua fundação.

O comício era presidido por cinco representantes de algumas das organizações pertencentes àquela Associação.

Usaram da palavra três desses representantes que focaram a figura do grande militante que foi Amílcar Cabral, as implicações do colonialismo português e do imperialismo internacional, e particularmente do francês, nas guerras coloniais, exaltando a gloriosa luta dos povos de Angola, Moçambique e, em especial, os povos da Guiné e Cabo Verde.

Foram igualmente lidas algumas mensagens de organizações anti-imperialistas libanesas, palestinianas e mauritanas. Foi lida e

aprovada uma moção dirigida ao PAIGC, que finalizava nos seguintes termos:

Os participantes na sessão:

— Estão persuadidos que o povo guineense saberá meditar o exemplo do seu prestigioso Secretário-Geral;

— Lançam um apelo premente à opinião progressista mundial para que denuncie e condene o colonial-fascista português e os seus aliados da NATO;

— Reafirmam a sua fé inabalável e o seu total apoio à luta dos valorosos povos da Guiné-Bissau e ilhas de Cabo Verde, de Angola e de Moçambique, organizados em justas bases anticolonialistas e anti-imperialistas.

A finalizar a sessão, o Grupo de Teatro José Gregório apresentou a peça «Solidariedade» dedicada à luta do povo da Guiné e Cabo Verde, que a sala, repleta, aplaudiu vibrantemente.

CRIME CONTRA UM JOVEM OPERÁRIO

Dia após dia, os capitalistas, detentores do poder e senhores da sociedade cada vez mais fascista e terrorista em que vivemos, praticam repugnantes e ignominiosos crimes. A carta de um leitor, que a seguir transcrevemos, relata-nos mais um desses crimes do capital.

João Abílio, de 15 anos de idade, natural de Chão Duro — Moita do Ribatejo, começou a trabalhar aos 13 anos de idade, como regra geral, todos os jovens em Portugal, forçados pela miserável situação social existente neste país, ocupado pelo imperialismo e seus lacaios, que constituem um governo fascista. Não frequentou a escola secundária, devido às precárias condições de ensino existentes no país, onde os trabalhadores não podem manter os seus filhos a estudar; em contrapartida, teve de começar a trabalhar para ajudar os seus irmãos mais novos e os seus pais que são muito doentes e não beneficiam de assistência. Era já uma máquina de produção, para

a burguesia arrecadar e esbanjar, por prazer, o fruto do seu trabalho.

Trabalhava na fábrica de cortiça de E. P. Brito & Irmãos, Lda., na Moita; executava um trabalho de pessoa adulta, com uma caldeira que tinha agregado um enorme depósito de água a ferver onde são cozidos os fardos de cortiça e ganhava 50 escudos por dia. João Abílio devia subir constantemente a cima da caldeira para controlar a saída dos fardos. Morreu tragicamente, no dia 29 de Novembro de 1972, quando ao subir à caldeira, escorregou e caiu dentro dela. O seu cadáver que permaneceu duas horas e meia, dentro de água fervente, foi retirado pelos bombeiros horrorosamente irreconhecível.

Este crime, foi a consequência do trabalho, violento e arriscado para uma criança, ordenada pelo fascista e explorador Brito & Irmãos, que era feito em condições de segurança consentidas pelo Instituto de Trabalho, organismo puramente fascista.

Após a entrada em vigor da circular Fontanet A REPRESSÃO ABATE-SE SOBRE OS TRABALHADORES EMIGRADOS

A publicação da circular Fontanet veio comprovar que, para o trabalhador emigrado, ela só traz "consequências funestas": maior controle e opressão do patrão sobre o operário, e, sobretudo, maior dificuldade de regularização dos emigrantes. Enfim, mais um grande triunfo nas mãos da burguesia para oprimir e explorar de modo mais fácil e eficaz o trabalhador emigrado. A recusa do contrato, a recusa de regularização, origina a expulsão do trabalhador emigrado. Pretende assim o capitalismo seleccionar o operariado, e, ao mesmo tempo, continua a fazer uso e abuso dos que não conseguem uma regularização imediata, obtendo assim uma mão de obra barata.

A imprensa francesa relatou alguns casos de expulsão de trabalhadores emigrados que suscitaram a nossa atenção. Em Ville Franche, uma jovem portuguesa recebeu, da parte das autoridades, ordem de expulsão no dia

19 de Janeiro último. Motivo: a polícia lembrou-se de dizer que essa jovem não possuía alojamento mobilado, exigindo a apresentação da factura dos móveis (!). Em 28 de Dezembro do ano findo, em Paris, um operário argelino porque perdeu simplesmente a sua carta de residência. Na «ciotat», «chantier» do Clos Notre Dame, alguns operários tunisianos reclamaram a carta de trabalho e o reembolso de 100 francos que o patrão retia de cada um, durante 6 meses, para a regularização que, afinal, nunca veio; quatro deles resolveram fazer greve da fome, e encontraram apoio e solidariedade entre os trabalhadores emigrados da região de Fos e Marselha, cuja manifestação foi duramente reprimida pela polícia. Em Valence, a polícia tentou a expulsão massiva de 20 operários tunisianos. A mesma polícia disse-lhes que não tendo «carte de séjour», embora tivessem já trabalho e pa-

trão, deviam abandonar a França dentro de 15 dias, argumentando que era a «nova lei», e não podia haver reclamações. Os operários, mal informados, foram obrigados a assinar a ordem de expulsão. No entanto, 15 de entre eles resolveram lutar. Junta-ram à sua volta cerca de 200 emigrantes, na sua maioria tunisianos, mas também, com estes, marroquinos e argelinos; mobilizaram também numerosos jovens e estudantes, em seu apoio e solidariedade.

Teve esta luta uma vitória total? É certo que tiveram uma vaga promessa de regularização. São os próprios grevistas tunisianos que afirmam: «Esta luta está apenas no princípio».



Manifestação de trabalhadores franceses e emigrados contra a circular Fontanet

Greve no «Chantier» da Hirondele em St-Denis

Explorados em Portugal continuamos a sê-lo em França, e, para o não continuarmos a ser, necessitamos de nos organizar para combatermos a exploração capitalista na fábrica, no «chantier»... Dia após dia, essa necessidade é evidente. Sabemos que, com o dinheiro que nos roubam, se constroem prisões por amor da «verdade», fábricas de munições por amor da paz! Por isso reivindicamos, fazemos greves, insurgimo-nos contra a exploração capitalista, de mão dada com os nossos camaradas de classe franceses. Foi o que agora aconteceu na Hirondele de St. Denis.

tes reivindicações aprovadas por todos os operários: aumento geral de 50 centimos/hora; 10 minutos para se lavarem pagos pelo patrão; «deplacement» para todos, e não trabalhar mais de 50 horas por semana. Em face do não cumprimento do patrão quando da anterior greve, foi decidido fazer apelo à secção do «bâtiment» CFDT para apoiar e ajudar nas negociações com a direcção da Hirondele.

No dia seguinte, a Hirondele cedia sobre todas as reivindicações e propondo apenas 30 centimos em vez dos 50 pedidos, o que foi aceite.

Para fazer face às manobras do patrão e para defender os trabalhadores que se puseram à frente desta luta, foi organizada uma secção sindical CFDT. Isto mostra claramente que os operários para lutarem eficazmente e continuarem a sua luta contra a exploração devem estar organizados, pois só assim a classe operária poderá lutar pela sua emancipação.

O EXEMPLO DESTA GREVE

Nos primeiros anos, quando começámos a vir massivamente para França, toda a grande exploração de que somos vítimas foi utilizada pelos patrões para tentar dividir a classe operária em França, criando uma atmosfera de racismo, utilizando o contrato como meio de chantagem, para que não lutássemos e chegando eles a dizer que os trabalhadores franceses eram preguiçosos, que não queriam trabalhar. Mas na realidade, a classe operária portuguesa e francesa é rica em tradições de luta contra o capitalismo, e é isso mesmo que os patrões capitalistas querem esconder.

Esta greve é antes de tudo um exemplo para todos os trabalhadores emigrados, mostrando que em qualquer país em que se trabalhe e em que se seja vítima da exploração capitalista, necessitamos de lutar, de nos organizarmos contra o inimigo da classe operária que é sempre o mesmo, a classe burguesa que vive do fruto do nosso trabalho. É exemplo também para os trabalhadores franceses, pois assim mostramos-lhes que estamos aqui em França ligados estritamente na sua luta pois somos seus irmãos de classe.

OS MOTIVOS

A Hirondele é uma sociedade que emprega 70 a 80 % de operários emigrantes na construção de prédios pelo sistema de pré-fabricação. No «chantier» de St. Denis ela está encarregada da construção de 2.500 habitações no lugar onde está situado um bairro da lata, cuja maioria dos habitantes são portugueses. Os 80 % dos operários do «chantier», um efectivo de 200 no total, são portugueses. Dado esta composição de trabalhadores emigrados e falta de organização entre eles, a Hirondele praticava, desde há tempos, um roubo sem limites na folha de pagamento: não pagava os 50 % de horas suplementares, não pagava o «deplacement» a que todos os operários têm direito e, quando havia aumento, o patronato, baixava as categorias para manter os operários com um salário miserável.

COMO SE DESENROLOU A LUTA DURANTE DOIS DIAS

Existe na Hirondele apenas um sindicato que é composto pelos chefes do «chantier». Tendo consciência desta situação, tendo consciência também de que se tinha desenrolado uma greve no dia 1 de Abril de 72 e que o patrão não cumpriu aquilo que tinha prometido à delegação de operários que tomou parte nas negociações dia 11 de Dezembro, depois do pagamento, decidiu-se então declarar greve, que foi seguida a 100 % pelos operários de todas as nacionalidades. Em assembleia apresentaram-se as seguin-

ALEMANHA

TRABALHADORES PORTUGUESES NUM COMÍCIO ANTICOLONIAL

Em Colónia, realizou-se no dia 15 de Dezembro do ano passado, um comício de solidariedade para com a luta dos povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde.

Nesse comício estava presente um grupo de trabalhadores portugueses residentes na região norte Reino Westfália que leu a seguinte mensagem:

Caros camaradas,

Os trabalhadores portugueses na República Federal Alemã saudam todas as organizações que se solidarizaram com a Campanha de África. Fraternalmente saudamos o representante do MPLA camarada Condesse que se encontra hoje entre nós.

Queremos reafirmar a nossa solidariedade para com os povos de Angola, Moçambique e Guiné e Cabo-Verde. É nosso dever, como parte da explorada e oprimida classe trabalhadora portuguesa, apoiar a sua luta contra o colonialismo.

A exploração desenfreada, a destruição das civilizações nacionais e a repressão sangüinária dos povos africanos pelos colonialistas portugueses, não é somente uma infracção ao direito internacional mas também um crime perante o povo português.

Nós vemos uma profunda ligação entre a luta dos trabalhadores portugueses contra a burguesia fascista e a luta dos povos africanos pela sua independência.

Saudamos a luta comum dos povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde e dos trabalhadores portugueses.

Só o forte apoio prestado pelos países da NATO tem permitido ao governo fascista português continuar a injusta guerra colonial. A R.F.A. tem enormes interesses

na exploração das riquezas naturais e do trabalho dos povos sobre o jugo dos colonialistas portugueses, e apoia sobre todas as formas a repressão da justa luta destes povos.

Isto é uma razão mais para estarmos agradecidos aos camaradas alemães por terem realizado esta campanha.

Apelamos a todos os camaradas para que se convençam que só através de uma frente internacional será possível sair ven-

cedor desta luta contra o imperialismo e o colonialismo.

Viva a unidade revolucionária dos trabalhadores de todas as nações!

Viva a solidariedade internacional!

Os povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde vencerão!

Esta mensagem mereceu o apreço militante de todos os anticolonialistas presentes e foi longamente aplaudida.

LYON

FESTA DE FIM DO ANO

Os raros divertimentos colectivos dos trabalhadores portugueses em Lyon foram, até hoje, posse exclusiva da missão católica portuguesa aqui residente, agente, nesse domínio como em outros, do consulado português.

Constatando a impossibilidade de deixar abandonado este sector da vida da comunidade portuguesa aos «interesses» dos fascistas e a ganância da burguesia francesa, a pró-associação de Lyon pensou preencher esta falta com a organização duma festa de fim de ano.

Para além deste objectivo imediato, esta festa propunha-se familiarizar os portugueses de Lyon com a ideia da associação através de realizações concretas; criar a oportunidade de manifestação para a arte popular (canto, dança, poesia e música); preparar uma próxima festa comemorando o 1.º de Maio; dar a conhecer a existência dos Jogos Florais e

procurar realizar a participação dos trabalhadores de Lyon, e finalmente, popularizar o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados e os seus temas de luta.

A festa foi anunciada pela distribuição de 2.000 panfletos em que a pró-associação definia os seus objectivos, informando do lugar e do dia das suas permanências sociais. A distribuição foi feita em diferentes mercados da cidade com forte afluência portuguesa, e em outros locais de agrupamento de portugueses, tais como a saída de algumas fábricas importantes da região e as missas da missão católica.

Apesar do anúncio tardio da festa e da ausência de vedetas «consagradas», cerca de 300 portugueses participaram nessa noite de convívio. Contrariamente ao que se passa nas festas «oficiais», onde o pouco à vontade é habitual, desta vez a camara-

(Continua na pág. 5.)

Comentário

OS AGENTES DO FACISMO E A TÁBUA DE SALVAÇÃO

Há quem diga que o Inverno só traz coisas escuras: o tempo, as ideias, os actos, etc. Se isto é certo em relação ao tempo, já não estamos de acordo no que diz respeito às ideias e aos actos, e, muito principalmente, aos agentes do fascismo na emigração.

Vem isto a propósito do jornal fascista «Mundo Português», dirigido pela bem conhecida sanguessuga dos trabalhadores emigrados, Monteiro Afonso. No seu número de Dezembro, aquele pasquim dedica uma página ao problema «Emigração e Associativismo», a qual põe bem a claro os planos das forças opressoras e obscurantistas do povo português, em relação às Associações de trabalhadores emigrados. Que pretendem pois os Monteiros Afonsos?

Após a retumbante derrota das Associações controladas pelos Bancos e Consulados, principalmente da ANPF, onde um funcionário consular era o comissário de contas (!), os fascistas, desprestigiados e moribundos, querem pôr em prática novos métodos, para tentarem enganar os trabalhadores emigrados.

Vejamos o que diz o «Mundo Português»: «Quanto ao segundo aspecto [à intromissão directa das Autoridades Governamentais], quem o desconhece pelas experiências já realizadas e pelo espírito dos nossos Emigrantes de França, normalmente renitentes e desconfiados a toda a intervenção directa das Autoridades.

«Isto não deveria querer dizer que se dispensa o apoio dos Organismos Governamentais Portugueses.

«Ao contrário, a sua actuação neste campo deveria ser mais eficaz, objectiva e bem precisa, sem possibilidade de qualquer equívoco». Depois de referir que a política do governo fascista português para a emigração «estimula e defende as Associações Portuguesas de Emigrantes», o jornal da sanguessuga afirma: «Simplesmente, o facto de tal ou tal associação poder ser subsidiada pelas Autoridades Portuguesas, não deveria querer dizer que tal ou tal associação pertence a tal ou tal Organismo Português. Ao contrário, pelo alto valor social das Associações Portuguesas de Emigrantes deveriam ser ajudadas pelas nossas Autoridades, proporcionalmente, às actividades que desenvolvem e realizam.»

Caros leitores, mais claro do que isto não se pode exigir.

O fascismo e os seus agentes na emigração, isolados, desmascarados, querem arranjar uma tábuca de salvação para tentarem resistir ao grande movimento associativo independente e democrático que se desenvolve por todo o lado. Eles querem subsídios do governo fascista mas de maneira camuflada para que os trabalhadores portugueses não saibam quem é que paga. Subsídios e apoios clandestinos, para que a máscara não lhes caia depressa.

Mas os Monteiros Afonsos estão condenados. Podem usar os métodos e os truques que quiserem, que a sua sorte está traçada.

Os trabalhadores portugueses emigrados não se deixam ir em cantigas, como o próprio «Mundo Português» já viu, e depressa se encarregarão de dar a última machadada nos exploradores e agressores do povo português.

SAINT-MAUR

ONDE CHEGA O DESCARAMENTO !

Enviado por amigos, chegou-nos às mãos um curioso panfleto publicado pela direcção do Clube Sport Paris e Val, clube português de futebol, existente em Saint-Maur. É um achado este panfleto! O sr. Oscar Grairf, director do dito, informa o público francês (o panfleto foi publicado em língua francesa) sublinhando, que «os jovens portugueses são pobres de instrução e pouco cultivados mas que com a saúde que o futebol lhes proporciona entram na vida... mesmo como mãos-de-obra! Que a juventude portuguesa não conhece o presidente da República, mas conhece o Benfica, o Marselha e todos os deuses do futebol. A sua paixão e a sua religião são o futebol!...»

Aonde nós chegámos! Será que a direcção deste «orgulhoso» clube está convicta do que diz? Este ditoso clube, ao que diz o panfleto, tem sido subsidiado pelas municipalidades de Boissy-Saint-Léger e de Saint-Maur. Claro que não faltarão as ajudas dos bancos e dos consulados! O texto do referido panfleto faz-nos lembrar os discursos de Hitler à juventude alemã, incutindo-lhe no espírito a ideia que o essencial na vida de uma pessoa é a sua saúde física, e que só

serve para trabalhar (ser explorado). O velho lema hitleriano «de que as pessoas querem-se fortes e estúpidas». O sr. Oscar Grairf e os seus colegas de direcção têm uma mentalidade fascista e exploradora que salta à vista, e que ignoram, e querem fazer ignorar, a cultura, o canto, a música, etc.

Fascista nato, este senhor considera as pessoas escravas, pois que diz só servirem para trabalhar, e que têm como único divertimento, o jogar futebol! Pois, como fascista que é, para ele não lhe interessa a cultura, pois tem medo de ser desalojado do seu poleiro continuar a explorar as pessoas, de ser o burguês que tem sido.

Aonde chega o descaramento! E, então, os clubes portugueses onde se praticam as actividades atrás citadas e muitas outras, não representam a juventude portuguesa?

Estamos certos que a massa associativa do Sport Paris e Val saberá reagir convenientemente e pôr na rua o sr. Oscar Grairf e os seus comparsas de direcção que tão mau juízo fazem da juventude portuguesa, especialmente da juventude portuguesa emigrada.

Correio do Leitor

O POVO PORTUGUÊS VENCERÁ

Sou refractário. Não quiz nem quero colaborar na guerra colonial-fascista. Estou plenamente consciente daquilo que faço. Não temo os perigos nem as dificuldades, porque a vitória será nossa e dos povos das colónias. Logo que entrei em França encontrei grandes obstáculos e problemas que vos passo a relatar. Passou-se com um pequeno proprietário, é certo, mas, embora ele sofresse a concorrência dos grandes monopólios, isso não pode de maneira nenhuma justificar as suas criminosas e desonestas atitudes.

Entre em França no dia 5 de Agosto de 1972. Quinze dias depois já estava a trabalhar em Guitres, perto de Bordeaux. O patrão era espanhol, estabelecido em França há trinta anos, onde enriqueceu à custa da exploração dos operários. Possui uma serração de madeira. Trabalhávamos dez horas por dia, ao mísero salário de 3,60 francos por hora. Foi o velho que me empregou, mas era o filho que andava sempre com os operários. Um dia aconteceu o inevitável: tive a desdita de espetar dois pregos no pé esquerdo. Fui ter com o patrão. Este, como eu não tinha «segurança social», limitou-se a deitar-me um pouco de mercúrio no pé e reenviou-me para o trabalho. Nem queiram saber: mal podia pousar o pé no chão, e era obrigado a acarretar traves pesadíssimas que me esfarrapavam o corpo, as mãos e a saúde. Passados dois dias, voltei a falar com o patrão, pois o mal agravava-se, e falei-lhe na «segurança». Ele, em resposta, deitou-me as mãos ao pescoço e ameaçou deitar-me pelas escadas abaixo. Resisti e ameacei-o também. Houve uma grande discussão, uma grande barafunda, e ele, talvez com medo que eu o acusasse, deixou-me trabalhar mais quinze dias. Nessa altura chamou-me comunista, chamou-me revolucionário, e eu respondi-lhe deste modo: sou tudo isso e mais alguma coisa, sou um operário.

A fúria dele não terminara por aqui. Um dia mandou-me descarregar um camião de troncos de madeira e pôs-me a mim a apertar os dois ganchos da máquina aos troncos. Então, ele, em dado momento, fez uma manobra com a máquina, de uma maneira que, se eu não tivesse dado um salto ao aperceber-me do perigo, teria sido esmagado por aquela trave pesadíssima. Após este triste e

lamentável espectáculo, olhei para ele, e vi-o rir descaradamente, com o maior cinismo que é possível imaginar-se. Denunciei publicamente esse padrão criminoso e explorador. Eis a direcção: Briones - Petit Blanchon - 33 GUITRES. Os antifascistas que quiserem «agradeçam» a este miserável canalha a exploração que ele tem feito a operários portugueses, espanhóis, italianos, franceses e jugoslavos, com o auxílio de alguns francos com que unta as unhas à polícia.

Emigrantes operários portugueses estais a ver, com um facto flagrante, tirado da pura e concreta realidade, a necessidade de nos unirmos contra a exploração e a injustiça?

Eu acredito no povo português. Catarina Eufémia, Ribeiro Santos e tantos outros caíram de dentes cerrados. O seu sangue continua e continuará a ferver nas nossas veias. Dá-nos força para continuar a luta. O povo português vencerá. Lutará até ao fim. Arriscará tudo, em cada grito de combate.

Traiano.

AJUSTE DE CONTAS

Já por cá ando vendido há sete anos, lutando por um pouco de conforto para os meus, que me foi negado pelos fascistas portugueses. Judiam-me durante 30 anos e deles tenho «belas» recordações, especialmente da Pide, pois tiveram-me «guardado» durante algum tempo. Deixaram-me uma conta pendente que creio, um dia, poderá ser regulada!... Mas para isso não aprovo as conversas de reformistas que tentam derrubar o fascismo pela negociação ou pelas palavras somente. A meu ver, sem a organização das massas e a preparação da luta armada, nunca poderão ser derrubados os Caetanos, nem os palhaços como o Tomás e Companhia.

Saudações proletárias.

P. A.

Nota da Redacção: Queremos informar o nosso leitor e amigo P.A. que já recebemos a sua segunda carta à qual daremos seguimento num dos próximos números. Pedimos desculpa por só agora termos incluído a sua primeira carta.

CARTA DA RENAULT

Na Renault, as relações entre os operários e a direcção e, por consequência, os contramestres (seus agentes) degradam-se cada vez mais.

Da parte da direcção, a corrida ao super-lucro impõe o aumento dos ritmos de trabalho. Mas os operários não querem e não podem ir mais longe. As crises nervosas sucedem-se frequentemente devido aos excessos de trabalho. Um clima de raiva, ódio e revolta paira sobre a fábrica. Por parte da direcção, utiliza-se como arma o despedimento, o desemprego, as mudanças de secção, as advertências, ao que os operários respondem com uma baixa de ritmo de trabalho.

Fazem-se reuniões relâmpago entre equipas de várias secções e a palavra de ordem é: «nem uma peça a mais para o patrão». A disciplina que segue esta luta mostra a vontade de união dos operários em que as ideias oportunistas como «se querem peças a mais paguem mais», são logo derrotadas.

Eis a resposta de um operário emigrado às insinuações dos contramestres: «dinheiro, dinheiro, mas a saúde e a dignidade de um homem valem mais que todo o dinheiro. Ela não tem preço! Não, nem uma peça a mais!». E esta consigna é respeitada.

Aparentemente, a Renault não revela esta situação, mas a verdade é que cada vez mais os trabalhadores se unem. A solidariedade entre trabalhadores franceses e trabalhadores emigrados é, de dia para dia, mais forte, lutando pela libertação de classe.

AS ELEIÇÕES

No dia 18 de Janeiro os operários de Renault-Billancourt pronunciaram-se sobre a escolha dos delegados sindicais. Os resultados foram os seguintes:

A CGT obteve 11.855 votos, 72,40 %, com 86 delegados eleitos (menos 4 que em 1972). A

CFDT, 2.111 votos, 12,89 %, com 15 delegados eleitos (menos 5 que em 1972). A FO, 1.593 votos, 9,73 %, com 14 delegados eleitos (mais 1 que em 1972). A CFTC, 425 votos, 2,60 %, com 2 delegados eleitos. A CFT (SIR), 390 votos, 2,38 %, com 2 delegados eleitos.

Em relação a 1972 houve um decréscimo de inscrições: 2.037. Assim, a CGT ganha as eleições seguida pelos «abstencionistas» (houve 6.407 abstenções) o que mostra claramente que a classe operária não está satisfeita e vai reservar duras surpresas à burguesia. Debaixo das cinzas mantêm-se chamas prontas a tornar-se em incêndio para devorar as estruturas dum Estado que já perdeu a sua razão de existir.

LYON

FESTA

DE FIM DO ANO

(Continuação da pág. 4)

dagem manifestou-se depressa e nunca degenerou em barulhos, como é de fama que se terminem os agrupamentos portugueses! Houve uma salutar troca de impressões e convívio.

Discutiu-se também a falta da associação e a urgência de concretizá-la. É de notar o interesse manifestado por numerosos participantes em relação aos painéis que decoravam a sala, a popularizar a associação dos trabalhadores portugueses de Lyon, o MTPE, a preparação dos Jogos Florais, o jornal «O Salto», e os objectivos da pró-associação.

Podemos concluir que, para uma primeira manifestação pública deste género da parte da pró-associação, o saldo foi positivo. Estamos conscientes de que muito nos resta para fazer, mas a presença e a atitude dos trabalhadores encorajam a nossa acção.

AVISO

Chamamos à atenção de todos os trabalhadores portugueses emigrados, jovens desertores e refractários, assim como de todos os antifascistas para o facto da chamada «Frente Portugal Livre» ter publicado um comunicado onde dizia «expulsar» elementos da sua organização publicando os seus nomes, as suas fotografias e toda uma série de indicações pessoais, denunciando assim à Pide elementos que se dizem antifascistas. Tais actos de loucura ou provocação não são a primeira vez que acontecem. O jornal «Portugal Livre», da mesma gente, já o fizera anteriormente. Há que estar vigilante contra tais actividades que se processam entre os emigrantes.

O QUE É O ESPERANTO

O esperanto é uma língua universal criada pelo médico polaco Luiz Lázaro Zamenhof. Acha-mos conveniente dizer algumas palavras a título de informação sobre o esperanto porque, du-rante muitos anos proibido em Portugal, há toda uma geração de portugueses que desconhece esta realidade:

«O esperanto é uma língua internacional auxiliar, ao alcance de todas as pessoas por ser ex-traordinariamente fácil e, portanto, um ótimo elemento de ligação entre os povos».

Há que o frisar, pois há quem confunda (por maldade ou igno-rância), que se trata de uma **língua auxiliar**, que deve ser estu-dada a par da língua nacional de cada povo, e não uma língua que pretende substituir todas as ou-tras.

Mais uma língua para a confu-são babilônica, dirão alguns mal informados!

Não é, pois, assim, porque se trata de uma língua bastante fácil, elaborada durante muitos anos, na formação da qual o au-tor reuniu todas as possíveis faci-lidades que pôde extrair de mul-tas línguas que conhecia.

O Dr. Luiz Lázaro Zamenhof, espírito profundamente humano, vivia numa região da Polónia onde não existia, por assim dizer, tran-quilidade, dada a diversidade de dialectos ali existentes. Veio-lhe a ideia da língua universal, a que dedicou toda a sua vida e saber. Por intermédio desta genial cria-ção os operários de todo o mun-do terão assim mais facilidade de compreender e resolver os seus problemas comuns. Linguagem universal, tal como os símbolos da química e da matemática, da-rá à humanidade um formidável impulso no sentido da fraterni-dade quando tiver das instâncias oficiais o auxílio que se impõe e que, até agora, quase, por assim dizer, lhe tem sido negado, sob a capa de esquecimento ou de fingida ignorância da sua exis-tência.

Não convém aos Estados capi-talistas, fabricantes de guerras, vendedores de canhões, que os povos se compreendam e se dem as mãos numa luta fraternal por um mundo melhor, fomentando por isso tudo o que possa dividir os povos e contrariando por to-dos os meios possíveis e imagi-nários o que os possa unir. De-fendem assim, como eles dizem, a chamada civilização cristã!

Ainda que as duas grandes guerras tenham dado um terrível golpe em todos os movimentos humanitários, está o esperanto de novo ganhando forças e, até ini-migos de ontem já o não podem ignorar, como por exemplo, no nosso país, onde, a exemplo da Alemanha hitleriana, o esperanto e esperantistas foram persegui-dos. Em Portugal, passaram-se 30 anos para a aprovação dos estatutos da Associação Portu-guesa de Esperanto, que só o ano passado, em Abril, o Ministério da Educação Nacional informou terem sido aprovados.

Para darmos uma breve ideia dos progressos do esperanto, apontamos que, em 1954, esta língua foi reconhecida oficialmen-te pela UNESCO. Já muitos livros foram originalmente escritos em esperanto e há milhares de tra-duções em todo o mundo das mais diversas obras literárias e científicas, incluindo o famoso «Livro Vermelho» de Mao Tsé-tung. Numerosos congressos de esperantistas se realizam todos os anos nas mais variadas cida-des do mundo. Uma biblioteca de

Londres tem mais de 30 mil en-tradas no seu catálogo de publi-cações em esperanto. 150 periódicos já existem nesta língua e umas 30 estações de rádio dão nelas emissões como, por exem-plo, Varsóvia, Pequim, Berna, Paris, Roma, Hilversum, etc. A televisão holandesa tem dado, em cores, um curso de esperanto. Esta língua é já ensinada em 14 universidades e está em formação uma universidade com o ensino unicamente do esperanto. O mo-vimento mundial tem uma rede de mais de 3 mil delegados espal-hados pelo globo ao serviço dos esperantistas.

O último congresso em que nós mesmo participámos realizou-se na Sorbone, em 1971; verificá-mos mais uma vez na prática que entre centenas de indivíduos ori-ginários dos países mais diversos (inclusivamente do Japão) o esperanto reduz a zero a barreira linguística. Na China, Mao Tsé-tung declarou alto e bom som

complicação de todas as restan-tes línguas.

As regras gramaticais são ape-nas 16 e sem qualquer excepção!

Todos os substantivos terminam pela letra **o**, que se lê sempre **ô**. Os adjectivos terminam em **a** e os advérbios em **e**, que se lê sem-pre **ê**:

Patro	Pai
Patra	Paternal
Patre	Paternalmente
Filo	Filho
Fila	Filial
File	Filialmente
Para formar os femininos em-prega-se o sufixo in :	
Patro	(pai)
Filo	(filho)
Bovo	(boi)
Koko	(galo)
Patrino	(mãe)
Filino	(filha)
Bovino	(vaca)
Kokino	(galinha)



Brochura editada pela Liga Chinesa de Esperanto, contendo obras de artistas chineses alusivas à luta heróica do povo vietnamita contra os agressores imperialistas dos Estados Unidos

Sobre a língua universal do futuro

Nor artigo que hoje inseri-mos sobre o esperanto, graças à amável solicitude dum leitor e amigo d'O Salto, pode ser apreciada pelos nossos leito-res a actual importância da língua universal auxiliar cria-da por Zamenhof. A redacção d'O Salto considera útil, no entanto, fazer algumas refe-rências a certos problemas que se levantam em redor da questão duma língua universal em geral e do esperanto em particular.

A língua é um importante meio de comunicação entre os homens. Isso não significa, porém, que as lutas que divi-dem a humanidade (lutas de classe, nacionais, raciais, etc.) sejam fruto da diversidade de línguas existente. Zamenhof e muitos dos seus discípulos erraram ao pensar que assim era, e caíram no idealismo de pensar em diminuir o perigo das guerras e as lutas entre os homens mediante a cria-ção e divulgação da língua universal.

Em Portugal, por exemplo, onde há séculos existe uma língua nacional única, no en-tanto, a tranquilidade social não foi nem é um facto. A «diversidade de dialectos» e de línguas não é uma causa mas uma consequência das divisões nacionais ou tribais, as quais são geradas pela di-visão do trabalho entre os diferentes agrupamentos hu-manos. Outro exemplo: em cada país capitalista, a bur-guesia e o proletariado tra-vam uma luta de morte e, no entanto, falam precisamente a mesma língua. A realidade é que as lutas de classes, as

guerras entre nações, etc., são originadas pela exploração e opressão capitalista e impe-railista. Só a supressão destas pode suprimir aquelas.

Mas não haverá nunca a possibilidade de existir uma língua universal unindo frater-nalmente todos os povos? No caso afirmativo, será essa lín-gua o esperanto? Ou será, por exemplo, o inglês?

A esta questão já foi dada resposta nos anos de 1950 e 1951, pelo notável marxista Josef Vissarionovitch Stáline. Na sua famosa obra «A Pro-pósito do Marxismo em Lin-guística», nomeadamente, na «Carta ao Camarada A. Kho-lopov», ele referia que «no período da vitória do socia-lismo à escala mundial, quan-do o socialismo se consolidar e entrar na vida corrente, as línguas nacionais fundir-se-ão inevitavelmente numa língua comum que não será certa-mente nem o russo, nem o alemão, mas algo de novo». Stáline sublinha que isso só será possível «após a vitória do socialismo à escala mun-dial, quando o imperialismo mundial já não existir, quando as classes exploradoras tive-rem sido derrubadas, a opres-são nacional e colonial liqui-dada, o isolamento nacional e a desconfiança mútua das na-ções substituídas pela con-fiança mútua e pela aproxima-ção das nações, quando a igualdade em direitos das na-ções for uma realidade, quan-do a política de opressão e de assimilação das línguas for liquidada, quando for organi-zada a colaboração das na-ções e as línguas nacionais tiverem possibilidade, na sua

colaboração, de se enrique-cerem mutuamente em plena liberdade».

E referindo-se ao problema de qual será, então, a língua universal, J. Stáline afirma: «compreende-se que, nestas condições, não poderá haver opressão e derrota de certas línguas e vitória de outras. Não teremos, aqui, o caso de duas línguas das quais uma sofrerá uma derrota enquanto a ou-tra sairá vitoriosa da luta, mas das centenas de línguas nacio-nais das quais, após uma lon-ga colaboração económica, política e cultural das nações, destacar-se-ão, primeiro as línguas zonais únicas mais ri-cas; em seguida as línguas zonais fundir-se-ão numa só língua internacional comum, que naturalmente não será nem o alemão, nem o russo, nem o inglês, mas uma língua nova, que terá absorvido os melhores elementos das lín-guas nacionais e zonais».

Será então o esperanto essa língua? Seria pura especula-ção discutir essa questão hoje, quando as condições históri-cas ainda não permitem pre-vê-lo. Como língua universal auxiliar o esperanto é já hoje muito importante e sê-lo-á ain-da muito mais. Porém, a cria-ção da futura língua inter-nacional comum de que nos fala J. Stáline será obra dos povos e a eles pertencerá a última palavra. Creemos, no entanto, com J. Stáline, que ela será qualquer coisa de muito mais rico e perfeito que as línguas hoje existentes, in-cluindo o esperanto, pois to-das elas contribuem para a sua formação.

Presente

Mi trinkas	Eu bebo
Vi trinkas	Tu bebes
Li trinkas	Ele bebe
Ni trinkas	Nós bebemos
Vi trinkas	Vós bebei
Ili trinkas	Eles bebem

Futuro

Mi trinkos	Eu beberel
Vi trinkos	Tu beberás
Li trinkos	Ele beberá
Ni trinkos	Nós beberemos
Vi trinkos	Vós beberels
Ili trinkos	Eles beberão

E assim para todos os verbos sem qualquer excepção!

Reparem ainda: todas as le-tras do alfabeto têm um só som; todas se pronunciam; não há sons nasais; todas as palavras são graves, e outras facilidades mais que, para nos não tornar-mos aborrecidos, não anotamos aqui.

Julgamos ter dado uma pálida ideia no que respeita à existência da língua internacional auxiliar esperanto, dos seus fins e da sua facilidade de aprendizagem.

R. A. F.

Sede da SAT (Associação dos Trabalhadores Esperantistas): 67, av. Gambetta 75020 PARIS.

Em Bruxelas, junto de M. M. Van Aelst, 56, Bd. Th. Lambert, tel. 210263.

MILHANO

(Continuação da pág. 8)

«Quando penso nos Jogos Florais lembro-me dos primeiros festivais mundiais de juventude que foram inaugurados depois da queda do nazismo. A juventude apresentava livros, cantos, fol-clore, poemas, etc., ressaltando daí toda a sua força inquebran-tável para construir um mundo novo. Penso que será o primeiro festival antifascista, não só da juventude como da emigração portuguesa, que levantando bem alto a bandeira da cultura popu-lar, levantará também a do anti-fascismo, pois a cultura popular é inimiga feroz da ditadura bur-guesa que se exerce há mais de 40 anos no nosso país. Esta ma-nifestação deverá dar os frutos que todos nós esperamos dela. Penso concorrer com uma reco-lha de poemas, «Cantos de Combate».

que aprender o esperanto é ser útil à revolução, e rádio Pequim dá emissões nesta língua três vezes por dia, editando a Cina Esperantoligo (Liga Chinesa de Esperanto), belas revistas e livros.

No que respeita à simplicidade desta língua achamos conveniente ilustrar a nossa informação com alguns exemplos, que mostram o contraste com a maior ou menor

Para os descendentes emprega-se o sufixo **id**:

Bovo	(bol)
Koko	(galo)
Kato	(gato)
Bovido	(bezerro)
Kokido	(pinto)
Katido	(gatinho)

Quanto à formação dos verbos, isto é, à sua conjugação, temos:

O presente termina em as	
O futuro	» os
O passado	» is
O condicional	» us

Enquanto em português dize-mos eu bebo, tu bebes, ele bebe, nós bebemos, vós bebei, eles bebem, em esperanto só o pro-nome é que varia, mantendo-se sempre o radical **trink** do verbo (**beber**).

guerra colonial

BÁRBARO CRIME DA PIDE

O ASSASSINATO DE AMÍLCAR CABRAL

(Continuação da pág. 1)

lista e imperialista cairá pela força das armas e disso nos dá um grande exemplo o povo de Amílcar Cabral.

O Reforço da Luta

Os sucessos alcançados pelo PAIGC ao longo de 10 anos de guerra popular enchem de raiva os colonialistas fascistas dirigidos por Marcelo Caetano e os seus comparsas internacionais, o imperialismo sob todas as suas formas.

Os patriotas da Guiné e Cabo Verde já libertaram uma área que corresponde a mais de dois ter-

moribundo, tinha inevitavelmente que recorrer ao crime hediondo, sinal do seu desespero, com o vil intento de desagregar as fileiras do PAIGC e tentar enfraquecer a luta do povo da Guiné e Cabo Verde. É certo que o não conseguirá, pois a luta de um povo não esmorece com a morte de um dos seus melhores filhos. Antes pelo contrário, o povo da Guiné e Cabo Verde irá redobrar a sua luta. Um comunicado do PAIGC, publicado após a morte de Amílcar Cabral, afirmava: «O PAIGC jura solenemente colocar todas as suas energias e todos os seus meios de acção para esmagar, num prazo mínimo, os



Aspecto da casa de Amílcar Cabral após a invasão dos colonialistas portugueses à Guiné (Conakry) a 22 de Novembro de 1970

ços da Guiné (Bissau), conquistaram importantes objectivos militares obrigando as tropas colonialistas a entrincheirarem-se à volta das cidades de Bissau, Bafatá e Bolama.

Nas zonas libertadas, as populações, sob a direcção do PAIGC, começaram a construir uma nova sociedade: escolas, hospitais, cooperativas agrícolas e outras estruturas sociais, económicas, políticas e militares têm sido erguidas. Em Dezembro do último ano, Amílcar Cabral anunciava aos povos de todo o mundo que se tinham efectuado eleições para uma Assembleia Nacional Popular e que esta já se encontrava a funcionar, acrescentando que dentro em breve seria proclamado o Estado independente da Guiné (Bissau).

Numerosos jornalistas estrangeiros e observadores da ONU tiveram oportunidade de observar o funcionamento da nova sociedade guineense libertada do jugo colonialista.

O governo fascista e colonialista de Caetano, desacreditado e

inimigos de África que sujam ainda o solo da Guiné (Bissau). Longe de desencorajar os combatentes, este ignóbil assassinato deve reforçar ainda mais o seu ódio contra a dominação colonial e também servir de alavanca para acelerar o movimento de emancipação de África».

Os Nossos mais Próximos Aliados

O assassinato de Amílcar Cabral foi também um crime dirigido contra o povo português, tal como os crimes perpetrados contra o povo português são sentidos pelos povos sob domínio colonial e pelos combatentes da liberdade. Na sua luta contra a opressão colonial, os povos de Angola, Guiné e Moçambique são os mais próximos aliados do povo português que luta contra a opressão capitalista.

O nosso povo na sua luta pela Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência, saberá vingar a morte de todos os heróicos combatentes, como foi Amílcar Cabral.

Quem era Amílcar Cabral

Amílcar Cabral tinha 47 anos de idade. Originário das Ilhas de Cabo Verde, formou-se em Agronomia, em Lisboa onde fundou com Agostinho Neto (hoje presidente do MPLA) e Mário de Andrade, o Centro de Estudos Africanos, organização anticolonial.

Foi director do Centro Experimental Agrícola de Bissau e aí teve a oportunidade de percorrer toda a Guiné, conhecendo e contactando com o seu povo submetido à miséria e à opressão colonial.

Em 1956 fundou, organizou e estruturou o PAIGC de que se tornou o principal dirigente, tendo impulsionado, a partir de 1963, a guerra popular prolongada contra a ocupação dos colonialistas portugueses.

Numa das suas últimas declarações, Amílcar Cabral afirmava:

A GUINÉ SERÁ DENTRO EM BREVE UM ESTADO INDEPENDENTE

Eis aqui algumas passagens de uma das últimas entrevistas de Amílcar Cabral concedida a Aquino de Bragança, publicada na revista francesa «Afrique Asie» (África-Ásia). Nesta entrevista, o Secretário-Geral do PAIGC explicava como a Guiné se tornará, dentro em breve, um estado independente, quais as etapas já alcançadas e as que é preciso ainda efectuar e ultrapassar para que isso seja uma realidade.

Dizia Amílcar Cabral: «Em Agosto de 1971 o Conselho Superior de Luta (CSL), reuniu alguns em território libertado, e adoptou uma decisão histórica para o futuro do nosso país. O povo da Guiné tinha já exercido o seu direito à autodeterminação através dos nove anos de guerra que o ocupante português nos impôs. Nós construímos nas zonas libertadas, que cobrem mais de dois terços do território nacional, uma vida nova de justiça, de trabalho e de democracia.

«Todos os elementos de um Estado em via de desenvolvimento encontravam-se então reunidos na Guiné libertada da tutela

Sobre a duração e a dificuldade do processo eleitoral, devido às condições excepcionais ditadas pela guerra, Amílcar Cabral afirmou: «O apelo à democracia directa reforçará a soberania do nosso povo e permitirá o controle pela base das estruturas do nosso jovem Estado (...)

«Os preparativos para as eleições começaram a 3 de Dezembro de 1971. Durante 8 meses os comissários do Partido desenvolveram um trabalho de explicação em profundidade (...) As eleições desenvolveram-se durante estes dois últimos meses (Setembro e Outubro de 1972).

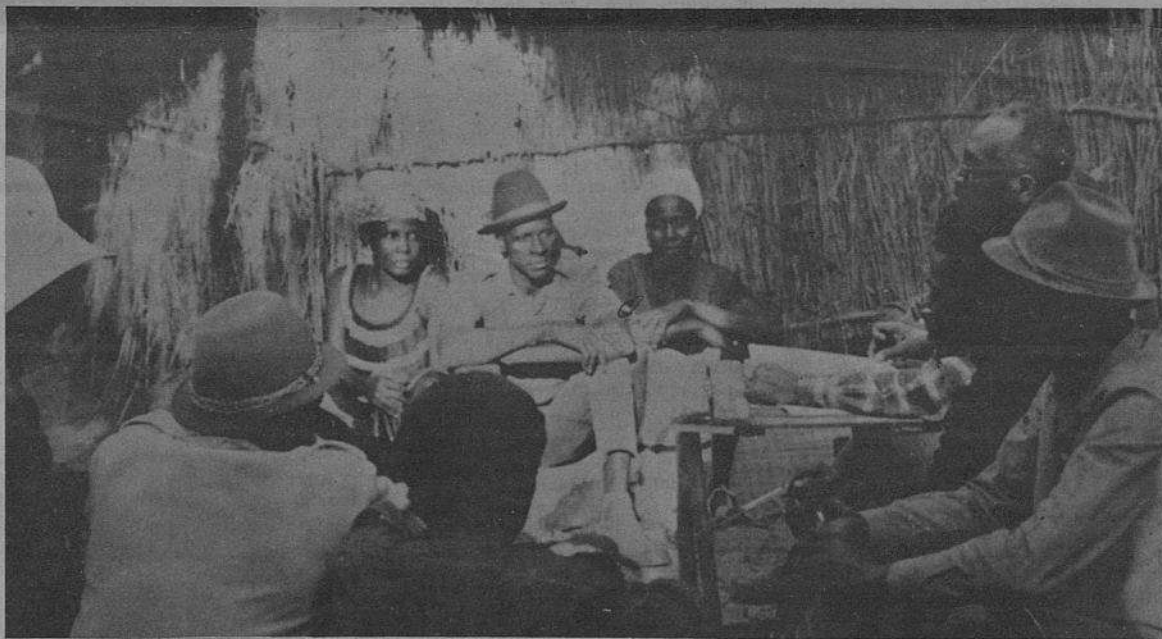
«Os conselhos regionais foram eleitos por sufrágio universal directo por 52.400 eleitores sobre 58.000 inscritos.

«O nosso povo possui um profundo sentido cívico. O seu entusiasmo, indo às urnas, fez lembrar os dias inesquecíveis do desencadear da luta armada.

«As eleições terminarão em fins do corrente ano (1972). Então, os quinze conselhos gerais da Guiné — eleitos no conjunto

Quanto às representações dos territórios ocupados pelos colonialistas portugueses e das ilhas de Cabo Verde, o Secretário-Geral do PAIGC declarou a Aquino de Bragança: «Por razões bem compreensíveis, os delegados para estas regiões serão designados (a título provisório)... esperando a sua confirmação, uma vez os territórios libertados. Um órgão análogo (ao da Guiné) será criado nas ilhas de Cabo Verde em tempo oportuno, devendo então, a reunião das duas Assembleias, formar a «Assembleia Suprema da Guiné e Cabo Verde».

À pergunta do redactor de «Afrique Asie» se era preciso esperar a instalação da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde para proclamar a independência, Amílcar Cabral precisou: «Certamente que não. O PAIGC propõe à Assembleia Nacional Popular da Guiné a criação de um Conselho de Estado. Nesse momento será proclamada a independência do país, que pedirá imediatamente a sua adesão a OUA (Organização de Unidade Africana). Mas, dito isto, não se



Reunião preparativa das eleições para a Assembleia Nacional Popular da Guiné (Bissau) no fim do passado ano

portuguesa. Eis uma situação de facto. Mas, para exprimir a soberania reconquistada do nosso povo, era preciso dotar o país de um instrumento novo. Não um governo provisório no exílio, pois nós já há alguns anos que governamos nessas zonas.

«A nossa situação é comparável à de um Estado independente de que certas partes do território estão ocupadas por forças estrangeiras... A nossa situação de facto era a de um Estado independente. Mas como projectar, sobre o plano internacional, esta nova realidade que é a soberania reconquistada do nosso povo? Eis a questão que foi posta ao longo da importante reunião do Conselho Superior de Luta, que já evoquei. A resposta foi então unânime: era preciso alargar o debate apelando para todo o povo. Eleger uma assembleia nacional e soberana que proclamaria, dentro de toda a legalidade, a existência de um novo Estado independente em África.»

do país — escolherão no seu seio os 80 delegados que constituirão, ao lado dos 40 do PAIGC (entre os quais figuram três delegados da União dos Estudantes — já eleitos — e cinco sindicalistas da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné) a Assembleia Nacional Popular da Guiné.»

deve acreditar que se vive em sossego nas ilhas de Cabo Verde. As numerosas prisões dos nossos militantes provam, se é necessário, que lá somos activos e estamos presentes. De 21 a 26 de Setembro, o governo colonial decretou o estado de sítio na cidade da Praia, capital provincial».



ESCREVE PARA:

«O SALTO»

B.P. 95

75 522 PARIS CEDEX 11

Quadro do pintor albanês Muhamet Deliu

A secção
Guerra Colonial
conclui nas páginas
2 e 3

GRANDE COMÍCIO POPULAR
DE HOMENAGEM
A AMÍLCAR CABRAL

Domingo, dia 18 de Fevereiro,
às 15h 30m,

17, rue de l'Avre, Paris- 15º

Métro:

La Motte-Picquet - Grenelle

Ao apelo do MTPE e organizado por diversas associações de trabalhadores portugueses.

PNIC

PREPARANDO OS JOGOS FLORAIS

NÓS PARTICIPAMOS NOS I JOGOS FLORAIS

O GRUPO DE TEATRO DA ASSOCIAÇÃO RESISTÊNCIA E TRABALHO

A Associação Resistência e Trabalho de Amsterdão prepara activamente a sua participação nos Jogos Florais. Desde já, podemos anunciar que, além da sua representação desportiva, apresentará o seu grupo de teatro e um seu colaborador participará cantando poemas de outros colaboradores da Associação.

Sobre a sua participação nos Jogos Florais, entrevistámos o grupo de teatro da Associação.

O Salto. — Como surgiu o grupo de teatro na Associação Resistência e Trabalho ?

Grupo de teatro. — O grupo surgiu devido à necessidade da existência de um grupo de teatro dentro da Associação. Portanto, o grupo apareceu não só com vista aos Jogos Florais, mas porque se previa que a sua função seria importante no desenvolvimento do trabalho cultural da nossa Associação. É certo que, no momento em que o grupo começou a trabalhar, se passou a ter em conta os Jogos Florais e se começou a trabalhar tendo em vista a participação neles. Os Jogos Florais serviram, objectivamente, para o início do nosso trabalho.

O Salto. — Qual é a composição do grupo ?

Grupo de teatro. — Começámos a trabalhar com dez pessoas, mas, neste momento, temos um grupo base de seis pessoas. Os outros elementos afastaram-se porque tivemos de fazer um tra-

balho de carácter teórico. No princípio, quando tínhamos dez pessoas, elas desejavam começar imediatamente a trabalhar, queriam que tivéssemos uma peça já feita para terem muito trabalho. O modo como nós quisemos trabalhar, através do estudo e da investigação, reduziu, em quantidade, o grupo. Contudo, neste momento, estamos a fazer uma peça de carácter temporário para apresentar na nossa festa de 27 de Janeiro e nela estão a trabalhar dez pessoas. Mas efectivamente são só seis que desenvolvem o trabalho teórico que focámos.

O trabalho que inicialmente começámos a desenvolver exigia certo esforço e era um tanto complicado para algumas pessoas que estavam a colaborar, e que acabaram por desistir. Isto não quer dizer que essas pessoas, quando estivermos numa fase mais adiantada de trabalho, não tornem a participar.

O Salto. — Gostaríamos de saber o que pensam sobre o papel do teatro na sociedade burguesa.

Grupo de teatro. — Na sociedade burguesa o teatro é um teatro de classe. Portanto ele está ao serviço da continuação da exploração de uma classe por outra, ou no combate contra essa exploração.

O Salto. — Que diferenças encontram vocês entre o teatro burguês e o teatro que pretendem fazer ?

Grupo de teatro. — O teatro burguês está ao serviço da burguesia. Tudo o que ele pode fazer é defender e tornar mais sólido o sistema capitalista, difundido a decadente ideologia burguesa. O teatro que nós pretendemos fazer coloca-se ao serviço dos interesses dos trabalhadores.

O Salto. — E que entendem por cultura popular ?

Um membro do grupo. — Por cultura popular, entendemos uma cultura que esteja colocada ao serviço do povo. Isto porque existe uma cultura burguesa que influencia as classes trabalhadoras, mas não serve os seus interesses.

Outro membro do grupo. — Parece-me que, em primeiro lugar, será uma cultura que tenha por fim o desenvolvimento da consciência social do trabalhador, isto é, torná-lo consciente do papel que ele desempenha na sociedade. Em segundo lugar, o desenvolvimento do trabalhador numa consciência de classe. Em terceiro lugar, aplicando-se ao teatro como é o nosso caso, é a ajuda paralela que o teatro pode dar a organizações como a Associação Resistência e Trabalho e o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados na concretização de tarefas que essas organizações propõem, e que estão relacionadas com os anseios de cultura dos trabalhadores.

Outro membro do grupo. — Em relação à cultura popular tenho algumas referências a fazer. Eu acho que há uma cultura cidadina, mais ou menos de elites e de fachada. A par desta cultura de elites, há uma cultura etnográfica, portanto, uma cultura de regiões. A par destas duas culturas ideologicamente distintas (de que a primeira será exemplo da cultura burguesa) existe uma cultura de características materialistas, que se entende geralmente por cultura popular. Eu entendo por cultura popular uma cultura que, estando ao serviço do povo, na sua generalidade se opõe a tal cultura de elite, portanto burguesa.

O Salto. — O que fez o grupo de teatro até à data ?

Grupo de teatro. — Quando se formou, o grupo de teatro começou por fazer um estudo sobre a emigração, visto que tivémos logo em linha de conta a preparação de uma peça sobre a emigração, que seria levada aos Jogos Florais. Para fazer essa peça (assentámos que seria escrita por nós) era necessário fazer um estudo pormenorizado sobre a emigração. Começámos por compilar documentos que lemos, discutimos e seleccionámos, com vista a uma preparação teórica da peça. Depois fizemos alguns exercícios de preparação técnica dos diversos elementos do grupo, baseados numa peça de Brecht. Paralelamente, fizemos alguns exercícios de improvisação. Em seguida, tivemos que fazer um interregno para prepararmos um pequeno espectáculo para uma festa. Neste momento, estamos a preparar uma peça que será apresentada a 27 de Janeiro. Nos princípios de Fevereiro, começaremos a escrever a peça que será levada aos Jogos Florais.

Outro membro do grupo. — Eu quero acrescentar que os exercícios que fizemos sobre textos de Brecht não foram só de carácter técnico, mas também de carácter teórico e de estudo sobre as formas do teatro burguês e as formas possíveis dum teatro que se possa inserir naquilo a que nós chamamos cultura popular.

Outro membro do grupo. — Sobre estes exercícios de improvisação quero sublinhar o seu aspecto didático na medida em que, ao fazer-se uma improvisação, por exemplo sobre a luta de classes, tem de se encontrar e experimentar em si próprio quer os argumentos do burguês quer os do operário. O indivíduo tem de os experimentar sobre si mesmo, e tem de interpretar capazmente os argumentos e isso dá-lhe um conhecimento mais profundo desta sociedade.

O Salto. — Qual será a função, no vosso entender, do teatro numa Associação ?

Grupo de teatro. — Já atrás respondemos em parte a essa pergunta. Uma das suas funções é acompanhar a Associação no desenvolvimento de certas tarefas, no seu trabalho de consciencialização das camadas trabalhadoras.

Outro membro. — O teatro numa Associação terá como finalidade a preparação ideológica dos seus associados, dando-lhes conhecimento da exploração a que a sociedade burguesa os submete.

O Salto. — Que pensam dos Jogos Florais e com que interesse vão participar neles ?

Grupo de teatro. — Pensamos que os Jogos Florais se revestem dum carácter muito importante para o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores portugueses emigrados. Eles irão ficar, possivelmente, memoráveis, talvez até históricos no Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados. Ideologicamente terão grande influência sobre os que nele participarem. O nosso interesse em participar nos Jogos Florais é exactamente esse: transmitir às largas massas de trabalhadores uma cultura que contribua para uma consciencialização da exploração a que são submetidos para que, uma vez conscientes desses problemas, possam lutar por uma sociedade sem classes.

MILHANO

Poeta popular, com poemas publicados em « O Salto », Milhano está inscrito para concorrer aos I Jogos Florais. De uma pequena conversa que com ele travámos, extraímos algumas declarações.

O Salto. — Qual é a poesia que um operário pode e deve cantar, tendo em conta que as suas fontes de inspiração são a fábrica, o trabalho, a exploração e a luta ?

Milhano. — Eu acho que a resposta é só uma: o homem, criador de todas as riquezas.

Claro que esta maneira de encarar o problema entra em colisão com o princípio da « arte pela arte » que, aparentemente, está fora do campo da luta de classes, como alguns pretendem, e canta os aborrecimentos da burguesia. De facto esta forma é um veículo da ideologia burguesa que prega a colaboração de classes, tentando afrouxar o ódio que os trabalhadores sentem pelas injustiças que sofrem.

Mas hoje surge uma nova cultura. A cultura dos explorados que, em lugar de apregoar a paz social, segundo o princípio de que todos os homens são irmãos, mostra que uma nação não é só um conjunto de homens, mas um campo onde duas classes, explorados e exploradores, travam uma luta de morte. Esta nova cultura faz parte integrante desta luta e acompanha a educação dos explorados e combatentes na conquista da Liberdade, do Pão, da Paz, da Terra e da Independência. Para mim, hoje como sempre, a poesia é intrínseca à luta de classes. Mesmo o amor, que é tão sublime, está submetido aos imperativos do capital. Eu concluo que temos saber odiar os que nos exploram com tanta força quanto amamos os seres pelos quais nos sentimos prontos a sacrificar a vida.

O tema que depois abordámos foi inevitavelmente o dos Jogos Florais. Milhano afirmou a esse propósito:

(Continua na pág. 6.)

ATENÇÃO CONCORRENTES !

Lembramos os leitores e grupos que tencionam concorrer aos I Jogos Florais Portugueses na emigração de que o prazo de entrega das inscrições e das obras termina no próximo dia 31 de Março.

CONHECE

os clubes de trabalhadores

FRANÇA

IVRY
Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

25, rue Christophe-Colomb
94200 IVRY SUR SEINE
Metro Pierre Curie

PUTEAUX

Associação «Encontro Português»

20, rue du Centenaire
92800 PUTEAUX

NANTES

Associação dos Trabalhadores Portugueses de Nantes

9, rue des Hauts-Pavés
44000 NANTES

BOURGES

Clube Português do Cher
5, rue de la Thaumassière
18000 BOURGES

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1 A Amsterdão

ALEMANHA

Centro Português de Neuss

404 Neuss - 8
Postfach 923

Assina « O Salto »

Amigo leitor : Para O Salto poder sair todos os meses é necessário 50 novos assinantes por mês. Apoia-o, pois, fazendo-te assinante ou inscrevendo dois novos assinantes, por meio deste boletim.

	País	normal (a)	de apoio
NOVAS CONDIÇÕES DE ASSINATURA PARA 12 NÚMEROS	França	10 F.F.	20 F.F.
	Alemanha	10 Marcos	20 Marcos
	Holanda	10 Florins	20 Florins
	Bélgica Luxemburgo	130 F.B.	260 F.B.
a) No caso de pedido de envio em carta fechada, há um acréscimo de 10 F.F., 10 M., 10 Fl., 130 F.B.			

BOLETIM DE ASSINATURA

NOME

MORADA

1) Assinatura de 12 numeros normal de apoio

(riscar o que não interessa)

Com início em «O Salto» nº